



As Aventuras de Pinóquio **História de uma marionete**

Carlo Collodi

Apresentação

Pinóquio é um dos personagens "clássicos" da literatura infantil do mundo ocidental.

Os ingleses têm "Alice no país das maravilhas", os norte-americanos têm Tom Sawyer, e nós, os brasileiros, temos a travessa boneca Emília, que não fica nada a dever a nenhum dos outros. Já os italianos deram ao mundo a marionete Pinóquio, o bonequinho de pau feito de madeira "vivente" pelo marceneiro Gepeto. Pinóquio é um autêntico capeta: malcriado, mentiroso, preguiçoso, desobediente, teimoso — o que é muito interessante. Mas, para mal de seus pecados, ele é também ingênuo e boboca, e vive se atrapalhando nas suas mirabolantes aventuras. Ainda bem que no fundo ele tem "bom coração"...

A história de Pinóquio está recheada de episódios cômico-dramáticos (com uma piscadela de crítica para os adultos), um tanto violentos e meio assustadores, outros bem sentimentais — todos os que talvez achemos hoje um pouco "moralistas". Mas sempre divertidos, fáceis e gostosos de ler...

Também as outras figuras desta história são marcantes e inesquecíveis: por exemplo, o Grilo-Falante, que é a "consciência" do anti-herói de madeira. O próprio pai Gepeto, a Fada azul, os malandros vilões Raposa e Gato, são emblemáticos e viraram de "domínio público". Como o nariz do boneco, que cresce a cada mentira...

Pinóquio, na Itália, é um verdadeiro "monumento nacional", de fama internacional. Sua história está traduzida em dezenas de idiomas e adaptada para outros "veículos" — teatro, cinema e o famoso desenho animado — suavizado e edulcorado — de Walt Disney.

Boa leitura para vocês!

Tatiana Belinky

Mestre Cereja, marceneiro, encontra um pedaço de madeira que chora e ri como uma criança

Era uma vez...

— Um rei! — dirão logo os meus pequenos leitores.

— Não, crianças, erraram. Era uma vez um pedaço de madeira.

Um belo dia, esse pedaço de madeira foi parar na oficina de um velho marceneiro que tinha o nome de mestre Antônio, mas que todos chamavam de mestre Cereja, por causa da ponta do seu nariz sempre lustrosa e vermelha.

Mestre Cereja ficou todo contente e, esfregando as mãos, murmurou:

— Chegou em boa hora para fazer uma perna de mesa.

Dito e feito, pegou o machado afiado, a fim de desbastá-lo. Mas, quando estava quase desferindo a primeira machadada, uma vizinha bem fina disse, implorando:

— Não me bata com força!

Imaginem só como ficou mestre Cereja, o bom velho!

Deu uma olhada surpresa ao redor do quarto e não viu ninguém! Abriu a porta para dar uma olhada na rua, e nada. E agora?...

— Entendi — disse então rindo. — Vai ver que fui eu mesmo que inventei aquela vizinha.

E deu um golpe firme com o machado no pedaço de madeira.

— Ai! Você me machucou! — gritou a mesma vizinha.

Mestre Cereja ficou com a língua pendurada para fora até o queixo.

— Será que esse pedaço de madeira aprendeu a se queixar feito criança? Não posso acreditar. Será que alguém está escondido dentro dele? Se está, pior para ele. Dou um jeito já, já!

E, dizendo isso, agarrou o pobre pedaço de madeira e começou a batê-lo sem piedade contra as paredes.

Depois parou à escuta, para ver se alguma voz se queixava. Esperou dois minutos, e nada. Cinco minutos, e nada. Dez minutos, e nada!

— Já entendi — disse então, esforçando-se para rir. — Vai ver que aquela vizinha que disse “ai” fui eu mesmo que inventei. Vamos voltar ao trabalho.

E pegou uma plaina para limpar a madeira.

Mas, enquanto fazia isso, a mesma vizinha disse rindo:

— Está me fazendo cócegas!

Dessa vez, o pobre mestre Cereja desabou.

Quando reabriu os olhos, viu-se sentado no chão.

Seu rosto parecia transfigurado, e até a ponta do nariz, em vez de estar vermelha como sempre, havia se tornado azul de medo.

Nisso, bateram à porta.

— Pode entrar — disse o marceneiro, sem forças para se pôr de pé.

Então entrou na oficina um velhinho todo animado. O nome dele era Gepeto, mas, para irritá-lo, os meninos da vizinhança o chamavam de Polentinha, devido à peruca amarela, parecidíssima com polenta.

Gepeto tinha pavio curto. Ai de quem o chamasse Polentinha! Virava logo fera.

— Bom-dia, mestre Antônio — disse Gepeto. — O que está fazendo no chão?

— Estou ensinando matemática às formigas.

— Bom proveito.

— O que o trouxe aqui, compadre Gepeto?

— As pernas. Mestre Antônio. Hoje de manhã, pensei em fabricar uma linda marionete que saiba dançar e dar saltos mortais. Com essa marionete quero rodar o mundo, para conseguir um pedaço de pão e um copo de vinho.

— Bravo, Polentinha! — gritou aquela mesma vizinha que não se entendia de onde saísse.

Compadre Gepeto ficou vermelho de raiva e, voltando-se para o marceneiro, disse enfurecido:

— Chamou-me de Polentinha!...

— Não fui eu.

— Vai ver então que fui eu! Pois eu digo que foi o senhor.

— Não!

— Sim!

Esquentando-se cada vez mais, passaram das palavras aos atos e se agarraram, se unham, se amarrotaram.

Acabado o combate, mestre Antônio viu-se com a peruca amarela de Gepeto nas mãos, e Gepeto percebeu que tinha entre os dentes a peruca grisalha do marceneiro.

— Devolva a minha peruca! — gritou mestre Antônio.

— E você devolva a minha. E façamos as pazes.

Os dois velhinhos se apertaram as mãos e juraram continuar bons amigos para o resto da vida.

Mestre Antônio, todo contente, foi buscar aquele pedaço de madeira que lhe havia dado tantos sustos. Mas o pedaço de madeira deu uma sacudidela e foi bater com força nas canelas do pobre Gepeto.

— Ah! É com essa delicadeza, mestre Antônio, que o senhor dá um presente? Quase me aleijou!...

— Juro que não fui eu! A culpa é todinha desse pedaço de madeira...

— Eu sei que é da madeira, mas foi o senhor que a atirou nas minhas canelas!

— Mas eu não atirei!

— Mentiroso!

— Gepeto, não me ofenda, senão lhe chamo de Polentinha!...

— Asno!

— Polentinha!

— Macaco horroroso!

— Polentinha!

Gepeto não se conteve e se atirou sobre o marceneiro. E aí se moeram de pancadas.

Finda a batalha, mestre Antônio estava com dois arranhões a mais no nariz, e o outro com dois botões a menos no colete. Empatadas assim as contas, deram-se as mãos e juraram continuar bons amigos para o resto da vida.

Gepeto pegou seu belo pedaço de madeira e, agradecendo a mestre Antônio, voltou mancando para casa.

Gepeto começa a fabricar a marionete

Gepeto começou a entalhar sua marionete.

— Que nome vou lhe dar? — disse de si para si. — Quero chamá-lo Pinóquio. Esse nome vai lhe dar sorte. Conheci uma família inteira de Pinóquios, Pinóquio o pai, Pinóquia a mãe, Pinóquios os filhos, e todos viviam bem. O mais rico deles pedia esmola.

Pôs-se a trabalhar com afinco e lhe fez os cabelos, depois a testa e os olhos; imaginem a sua surpresa ao perceber que eles se mexiam e o encaravam.

O nariz, nem bem havia sido feito, começou a crescer e tornou-se em poucos minutos um narigão interminável.

O pobre Gepeto esforçava-se para cortá-lo.

Porém, quanto mais o cortava, mais aquele nariz encompridava!

Depois fez a boca, que ainda nem havia sido acabada e já começava a rir e a debochar dele.

— Pare de rir! — gritou Gepeto com voz ameaçadora.

A boca parou de rir, mas botou a língua inteira para fora.

Gepeto disse:

— Que filho levado! Ainda não acabei de o fazer e já começa a faltar com o respeito a seu pai!

Quando Gepeto acabou de fazer-lhe os pés, levou-o pela mão para ensiná-lo a andar.

Tão logo desemperrou as pernas, Pinóquio começou a correr pelo quarto. Até que, saindo pela porta de casa, pulou para a rua e começou a fugir. E lá se foi o pobre Gepeto correndo atrás dele.

As pessoas que estavam na rua, vendo aquela marionete de madeira que corria, paravam encantadas para olhar, e riam, riam, riam.

Por sorte, apareceu um carabineiro, que o agarrou tranqüilamente pelo nariz (um narigão despropositado, que parecia feito justamente para ser agarrado pelos carabineiros). Enquanto isso os curiosos e os desocupados começaram a parar ao

redor.

Alguns diziam:

— Esse Gepeto é um verdadeiro tirano com os meninos! Se a gente deixar aquela pobre marionete com ele, é bem capaz de fazer picadinho dela!...

Tanto disseram que o carabineiro libertou Pinóquio e levou Gepeto para a cadeia.

A história de Pinóquio com o Grilo-Falante

Enquanto o pobre Gepeto era levado sem culpa para a prisão, aquele danadinho do Pinóquio saiu correndo pelos campos para chegar mais depressa em casa. Assim que passou a tranca deixou-se cair sentado no chão, soltando um suspiro de contentamento.

Logo ouviu no quarto alguém que fazia:

— Cri-cri-cri!

— Quem é? — perguntou Pinóquio assustado.

— Sou eu, o Grilo-Falante, e moro neste quarto há mais de cem anos. Vou lhe dizer uma grande verdade: ai dos meninos que se revoltam contra os pais. Nunca serão felizes, e mais cedo ou mais tarde haverão de se arrepender.

— Pode ir cantando o que bem entender, Grilo. O que eu sei é que amanhã ao nascer do sol quero ir embora porque, se ficar, vai acontecer comigo o que acontece aos outros meninos: vão me mandar para a escola e, querendo ou não, vou ser obrigado a estudar.

E, para dizer a verdade, acho muito mais divertido correr atrás das borboletas e pegar passarinhos no ninho.

— Será que não sabe que desse jeito vai se tornar um grandíssimo burro e que todos vão debochar de você? Se não gosta de ir para a escola, por que não aprende pelo menos uma profissão?

— Quer saber? — perguntou Pinóquio. — Só existe uma profissão de que eu realmente gosto: a de comer, beber, dormir, me divertir e vagabundear de manhã até de noite.

— Para o seu governo — disse o Grilo-Falante com calma —, todos os que escolhem essa profissão acabam quase sempre no hospital ou na prisão. Pobre Pinóquio! Que pena você me dá!... É uma marionete e, o que é pior, tem a cabeça de madeira.

Pinóquio levantou-se de um salto e, furioso, pegou um martelo e o atirou contra o Grilo-Falante. Infelizmente, acertou-o bem na cabeça, tanto que o pobre Grilo só teve fôlego para fazer cri-cri-cri e ficou ali, grudado na parede.

Lembrando que não havia comido nada, Pinóquio sentiu uma fome tão espessa que dava para cortar com faca. Começou a revirar todos os cantos em busca de qualquer coisa que desse para mastigar, mas não achou nada.

Então, chorando e desesperando-se, disse:

— O Grilo-Falante tinha razão! Se eu não tivesse fugido de casa e se meu pai estivesse aqui, eu não estaria morrendo de fome! — e foi dormir faminto.

Ao amanhecer, Pinóquio acordou porque alguém batia à porta.

— Quem é? — perguntou bocejando.

— Sou eu — era a voz de Gepeto.

Pinóquio foi correndo tirar a tranca.

Gepeto tirou do bolso três peras e disse:

— Estas peras eram o meu café-da-manhã. Mas eu lhe dou com prazer.

Devoradas as frutas, Pinóquio disse soluçando:

— Eu prometo ao senhor que de hoje em diante vou ser bonzinho... Prometo que vou à escola e que vou tirar boas notas. Mas preciso de uma roupa.

Gepeto, que era pobre, fez para ele uma roupinha de papel florido, um par de sapatos de casca de árvore e um chapéu de miolo de pão.

— Mas para ir à escola ainda falta o principal: a cartilha — lembrou Pinóquio.

— Tem razão. Mas não tenho dinheiro para comprá-la — disse o bom velho, triste. — Paciência! — gritou Gepeto de repente levantando-se. E depois de vestir o velho paletó cheio de remendos, saiu de casa.

Voltou dali a pouco com a cartilha para o filho, mas não tinha mais o paletó. O pobre homem estava em mangas de camisa, e lá fora nevava.

— E o paletó, pai?

— Vendi.

— Por que vendeu?

— Porque me dava calor.

Pinóquio compreendeu a resposta no ato e, não podendo frear o ímpeto do seu bom coração, pulou no pescoço de Gepeto e começou a beijar-lhe o rosto todo.

O teatro de marionetes

Pinóquio, com sua bela cartilha nova debaixo do braço, ia fazendo mil fantasias:

— Hoje, na escola, quero aprender logo a ler. Amanhã vou aprender a escrever. E, depois de amanhã, a fazer os números. Depois vou ganhar um monte de dinheiro e com o primeiro dinheiro que tiver no bolso quero fazer logo para o meu pai um belo paletó todo de prata e ouro com botões de brilhantes.

Enquanto isso, chegou à Praça, que estava cheia de gente ao redor de um grande barracão de madeira e de lona pintada de todas as cores. Num cartaz, em letras vermelhas, estava escrito: GRANDE TEATRO DE MARIONETES...

— Quanto se paga para entrar? — perguntou Pinóquio a outro menino.

— Quatro tostões.

— Por quatro tostões, fico com a sua cartilha — gritou um vendedor de roupa usada que tinha ouvido a conversa.

E o livro foi vendido ali, na hora.

Quando Pinóquio entrou no teatrinho, a peça já havia começado. Na cena viam-se Arlequim e Polichinelo que, como sempre, ameaçavam-se de surras e pauladas. A platéia, na maior atenção, rolava de rir.

De repente, Arlequim pára de representar e começa a gritar em tom dramático:

— Mas aquele lá atrás é Pinóquio!...

— É Pinóquio, de fato — grita Polichinelo.

— É Pinóquio! — gritam em coro todas as marionetes saindo aos saltos dos bastidores.

— É o nosso irmão Pinóquio!

— Pinóquio, venha aqui pra cima! — grita Arlequim. É impossível imaginar os abraços, os pescoções e os beliscões de amizade e amor fraterno que Pinóquio recebeu.

Então surgiu Tragafogo, o titeriteiro, um homenzarrão tão feio que dava medo só de olhar. Tinha uma barbona negra tão comprida que descia do queixo até o chão. Basta dizer que, quando andava, pisava nela com os pés.

Diante dessa inesperada aparição emudeceram todos.

— Por que veio trazer a barafunda ao meu teatro? — perguntou o titeriteiro a Pinóquio.

— A culpa não foi minha!...

— Agora chega! À noite acertaremos as contas.

Acabada a apresentação da comédia, o titeriteiro foi para a cozinha, onde preparava para o jantar um belo carneiro no espeto. E porque estava lhe faltando lenha para acabar de assá-lo, chamou Arlequim e Polichinelo e lhes disse:

— Tragam-me aqui a nova marionete. Tenho certeza de que vai dar uma bela labareda para o meu assado.

Arlequim e Polichinelo, amedrontados, obedeceram. E dali a pouco voltaram à cozinha trazendo nos braços o pobre Pinóquio, que gritava desesperadamente:

— Meu pai, venha me salvar! Não quero morrer!...

Tragafogo parecia um homem assustador, mas, quando viu diante de si o pobre Pinóquio que se debatia gritando, começou a se comover e, depois de resistir ao máximo, soltou um estrondoso espirro.

Tragafogo, sempre que se enternecia, tinha o vício de espirrar. Era uma forma como outra qualquer de demonstrar a sensibilidade do seu coração. Porém, sempre fazendo cara de mau, gritou para Pinóquio:

— Pare de chorar! Os seus lamentos me deram um enjoozinho no estômago... Atchim! Atchim!

— Saúde — disse Pinóquio.

— Obrigado. Sabe lá que sofrimento seria para o seu velho pai se eu agora mandasse atirar você naquelas brasas! Atchim! Atchim! Atchim! — e deu mais três espirros.

— Saúde! — disse Pinóquio.

— Paciência! — disse Tragafogo. — Esta noite vou comer o carneiro meio cru. Mas da próxima vez, ai de quem for o escolhido!...

As cinco moedas de ouro de Pinóquio

No dia seguinte, Tragafogo perguntou a Pinóquio:

— Como se chama o seu pai?

— Gepeto.

— Qual é a profissão dele?

— Ser pobre.

— Ganha muito?

— O necessário para não ter nunca um centavo no bolso.

— Pobre coitado! Quase me dá pena. Tome aqui cinco moedas de ouro. E vá logo entregá-las a ele.

Pinóquio agradeceu mais de mil vezes e sem caber em si de contentamento começou a viagem de volta para casa.

Mas ainda não havia andado meio quilômetro, quando encontrou uma Raposa e um Gato que iam andando devagar. A Raposa, que era manca, caminhava apoiando-se no Gato. E o Gato, que era cego, deixava-se guiar pela Raposa.

— Bom dia, Pinóquio — disse-lhe a Raposa, cumprimentando-o gentilmente.

— Como sabe o meu nome? — perguntou ele.

— Conheço bem o seu pai. Eu o vi ontem, na porta de casa. Ele estava em mangas de camisa e tremia de frio.

— Pobre pai! Mas, se Deus quiser, de hoje em diante não vai mais tremer.

— Por quê?

— Porque eu me tornei rico.

— Rico, você? — disse a Raposa. E começou a rir com deboche.

— Está rindo de quê?! — gritou Pinóquio ofendido. — Estas são cinco belas moedas de ouro. — E tirou-as do bolso.

Ouvindo o simpático tinir daquelas moedas, a Raposa, num movimento involuntário, esticou a pata que parecia crispada, e o Gato escancarou os dois olhos, que brilharam como duas lanternas verdes. Mas tornou a fechá-los logo, tanto que

Pinóquio não percebeu nada.

— Vou comprar para o meu pai um belo paletó novo, todo de ouro e prata e com botões de brilhantes — disse a marionete. — E depois quero comprar uma cartilha para mim, porque quero ir à escola e estudar para valer.

— Olhe só para mim! — disse a Raposa. — Por essa tola mania de estudar perdi uma perna.

— Olhe só para mim — disse o Gato. — Por essa tola mania de estudar perdi a visão dos dois olhos.

A Raposa, parando de repente, disse para a marionete:

— Quer multiplicar suas moedas de ouro?

— De que jeito?

— É fácilimo. Em vez de voltar para casa, você teria que vir com a gente à Terra dos Patos. Lá existe um campo abençoado, o Campo dos Milagres. Nele, você abre uma cova pequena e bota dentro, por exemplo, uma moeda de ouro. Depois tapa a cova com um pouco de terra, rega com dois baldes de água de fonte, joga em cima uma pitada de sal, e no fim do dia vai tranqüilamente para a cama. Durante a noite a moeda brota e floresce, e de manhã, quando você volta ao campo, o que encontra? Uma linda árvore carregada de moedas de ouro.

— Que maravilha! — gritou Pinóquio, dançando de alegria. — Assim que eu colher essas moedas, tiro duas mil para mim e as outras quinhentas dou de presente para vocês.

— Um presente? — gritou a Raposa, ofendida. — Nós não trabalhamos por vil interesse, mas unicamente para enriquecer os outros.

— Os outros — repetiu o Gato.

— Que pessoas ótimas! — pensou Pinóquio. E esquecendo no ato o seu pai, o paletó novo, a cartilha e todos os seus bons propósitos anteriores, disse: — Eu vou com vocês.

Andaram, andaram e, quando escurecia, chegaram à taverna do Camarão Vermelho.

— Vamos parar aqui — disse a Raposa — só para comer uma coisinha e descansar.

Quando for meia-noite, pegamos de novo a estrada para estarmos amanhã,

ao alvorecer, no Campo dos Milagres.

Entraram na taverna, sentaram-se a uma mesa. Quando acabaram de jantar, a Raposa disse para o taverneiro:

— Dê-nos dois bons quartos, um para o senhor Pinóquio e outro para mim e meu companheiro. Antes de pegar a estrada novamente vamos tirar uma soneca. À meia-noite queremos ser acordados para continuar a viagem.

— Sim senhor — respondeu o taverneiro.

Assim que adormeceu, Pinóquio começou a sonhar. Parecia-lhe estar no meio de um campo cheio de arvorezinhas carregadas de cachos com moedas de ouro. Mas quando chegou ao melhor da história, ou seja, quando estendeu a mão para colher aquelas lindas moedas, foi acordado por três violentíssimas batidas na porta.

Era o taverneiro que vinha avisá-lo de que a meia-noite havia soado.

— E os meus companheiros estão prontos? — perguntou a marionete.

— Pra lá de prontos! Partiram faz duas horas.

— E por que tanta pressa?

— Porque o Gato recebeu um recado, que seu gatinho mais velho, doente com frieiras, corria risco de vida.

Pinóquio pagou uma moeda pelo seu jantar e o dos companheiros, e em seguida partiu. De repente, ouviu um levíssimo farfalhar de folhas. Virou-se para olhar, e viu no escuro duas figuras embuçadas em dois sacos de carvão, que corriam atrás dele aos saltos, como se fossem dois fantasmas.

Pinóquio escondeu as quatro moedas de ouro na boca, debaixo da língua, quando sentiu que o agarravam pelos braços, e duas vozes cavernosas lhe disseram:

— A bolsa ou a vida!

A marionete fez um sinal com a cabeça e com as mãos, como se dissesse: "Não tenho".

— Entregue o dinheiro ou vai morrer. E vamos matar também o seu pai.

— Não, o meu pobre pai não! — gritou Pinóquio com voz desesperada. Mas quando ele gritou, as moedas tilintaram na sua boca.

— Ah! Então o dinheiro estava escondido debaixo da língua? Espere só, que vamos dar um jeito!

Um deles agarrou Pinóquio pela ponta do nariz, o outro o pegou pelo queixo, e começaram a puxar, um para cá e o outro para lá. Mas a boca da marionete parecia pregada.

Pinóquio, rápido como um relâmpago, libertou-se das garras dos assassinos e, saltando os arbustos da beira da estrada, começou a correr pelos campos.

Enquanto isso, começava a clarear o dia.

Olhando ao redor, Pinóquio viu ao longe, no meio do verde-escuro das árvores, uma casinha branca como a neve. Depois de uma corrida desesperada de quase duas horas, chegou afinal diante da porta da casinha, mas sentiu que o agarravam pelo pescoço, e as duas vozes rosnaram ameaçadoramente:

— Agora não nos escapa mais! Então? Quer abrir a boca, sim ou não? Vamos enforcá-lo! — disse uma delas.

— Vamos enforcá-lo! — repetiu a outra.

Amarraram as mãos de Pinóquio e, passando-lhe o nó corrediço ao redor do pescoço, o penduraram no galho de uma árvore.

Mas, passadas três horas, a marionete continuava de olhos abertos e boca fechada.

Afinal, cansados de esperar, voltaram-se para Pinóquio e lhe disseram:

— Até amanhã. Quando a gente voltar aqui amanhã, faça-nos a delicadeza de estar bem morto e com a boca escancarada — e se foram.

A Menina dos cabelos azuis

Enquanto o pobre Pinóquio parecia mais morto que vivo, uma Menina de cabelos azuis debruçou-se à janela da casinha e bateu palmas três vezes. Um grande falcão veio pousar no peitoril da janela.

— O que ordena, minha graciosa Fada? — disse ele, abaixando o bico em sinal de reverência. A Menina dos cabelos azuis nada mais era que uma bondosa Fada que há mais de mil anos vivia no bosque.

— Está vendo aquela marionete pendurada num galho do grande carvalho? Voe até lá, quebre com o bico o nó que a mantém suspensa no ar e a pouse

delicadamente, deitando-a na grama.

O Falcão foi e dois minutos mais tarde voltou dizendo:

— O que me ordenou está feito.

A Fada tomou no colo a pobre marionete e, levando-a para um quarto, mandou chamar os médicos mais famosos da vizinhança.

Os médicos chegaram rapidamente. Eram um Corvo, uma Coruja e um Grilo-Falante.

O Corvo tateou o pulso, o nariz e os dedos mindinhos dos pés de Pinóquio. E pronunciou solenemente estas palavras:

— A meu ver, a marionete está morta. Mas se por desgraça não estiver morta, então será indício seguro de que continua viva!

— Sinto muito — disse a Coruja — ter que contradizer o Corvo, meu ilustre amigo e colega. Na minha opinião é o contrário: a marionete continua viva. Mas se por desgraça não estiver viva, será sinal de que realmente está morta.

— E o senhor não diz nada? — perguntou a Fada ao Grilo-Falante.

— Eu digo que o médico prudente, quando não sabe o que dizer, o melhor que faz é ficar calado. De resto, essa marionete não me é estranha, eu a conheço faz tempo!...

Pinóquio, até então imóvel, teve um tremor que sacudiu a cama inteira.

— Essa marionete aí — continuou o Grilo-Falante — é um tratante de carteirinha, um preguiçoso, um vagabundo...

Pinóquio escondeu a cara debaixo dos lençóis.

— É um filho desobediente, que vai partir o coração do seu pobre pai!...

Nesse momento, ouviu-se no quarto um som sufocado de choro e de soluços. Quem chorava e soluçava era Pinóquio.

— Quando o morto chora, é sinal de que está a caminho da cura — disse solenemente o Corvo.

— Sinto contradizer o meu ilustre amigo e colega — acrescentou a Coruja —, mas para mim, quando o morto chora, é sinal de que lamenta morrer.

Assim que os três médicos saíram, a Fada aproximou-se de Pinóquio e, após tocar-lhe a testa, percebeu que estava com uma febre altíssima.

Então dissolveu um pozinho em água e, estendendo-o para ele, disse

carinhosamente:

— Beba. É amargo, mas vai lhe fazer bem.

— Se é amargo, não quero.

— Quando tiver bebido lhe darei uma bolinha de açúcar.

— Antes quero o açúcar, e depois bebo essa água amarga...

— Você promete?

— Prometo...

A Fada lhe deu a bolinha e Pinóquio, tendo-a mastigado e engolido em um instante, disse lambendo os beiços:

— Que bom seria se o açúcar fosse um remédio! Eu tomaria purgante todos os dias.

Pinóquio pegou o copo na mão, de má vontade. Enfiou nele a ponta do nariz, depois o aproximou da boca, depois voltou a enfiar a ponta do nariz. Finalmente disse:

— É amarga demais! Não posso beber.

— Como é que você diz isso se nem provou?

— Imagino. Senti pelo cheiro. Antes quero outra bolinha de açúcar... Depois bebo!

Então a Fada, com a paciência de uma boa mãe, botou-lhe mais um pouco de açúcar na boca e em seguida ofereceu-lhe outra vez o copo.

— Assim não posso beber! — disse a marionete fazendo mil caretas.

— Por quê?

— Porque está me incomodando a porta do quarto, que está meio aberta.

A Fada fechou a porta.

— Eu não quero beber essa água amarga horrorosa, não quero!... Prefiro morrer a tomar esse remédio ruim — gritou Pinóquio.

Nesse momento, a porta do quarto abriu-se e entraram quatro coelhos pretos que traziam nos ombros um pequeno caixão.

— O que vocês querem de mim? — gritou Pinóquio, assustado.

— Viemos buscá-lo — respondeu o coelho maior.

— Mas eu ainda não estou morto!...

— Ainda não, mas sobram-lhe poucos minutos de vida, já que você se

recusou a tomar o remédio que teria acabado com a febre.

— Oh, minha Fada! — começou então a gritar a marionete —, dê-me logo aquele copo... Depressa, pelo amor de Deus, porque não quero morrer, não...

E tomando o copo com ambas as mãos, esvaziou-o de um só gole.

— Paciência! — disseram os coelhos. — Desta vez fizemos a viagem à toa. — E colocando novamente nos ombros o pequeno caixão, saíram do quarto.

O fato é que dali a poucos minutos Pinóquio pulou da cama completamente curado porque, é bom que se saiba, as marionetes de madeira têm o privilégio de adoecer raramente e de sarar muito depressa.

E a Fada, vendo-o correr e rolar pelo chão do quarto, alegre e irrequieto como um franguinho novo, disse-lhe:

— Os meninos deveriam saber que um bom remédio tomado a tempo pode salvá-los de uma doença grave, e talvez até da morte...

— Da próxima vez vou me lembrar daqueles coelhos pretos com o caixão nos ombros... aí vou tomar logo o copo na mão, e glupt.

— Agora me conte como foi que você acabou nas mãos dos assassinos.

Pinóquio contou tudo o que lhe havia acontecido.

— E agora, onde estão as quatro moedas? — perguntou a Fada ao fim da história.

— Perdi! — respondeu Pinóquio. Mas mentiu, porque estava com elas no bolso.

Assim que ele disse a mentira, seu nariz, que já era comprido, cresceu mais dois dedos.

— E onde você as perdeu?

— No bosque aqui perto.

Com essa segunda mentira o nariz continuou crescendo.

— Se você perdeu as moedas aqui perto — disse a Fada —, vamos procurá-las, porque tudo o que se perde no bosque aqui perto se encontra.

— Ah! Agora estou me lembrando direito — rebateu a marionete —, eu não perdi as quatro moedas, mas, sem perceber, as engoli enquanto tomava o seu remédio.

Com essa terceira mentira, o nariz cresceu de forma tão extraordinária que o

pobre Pinóquio não conseguia mais se virar para lado nenhum. Virando-se para cá, batia o nariz na cama e nos vidros da janela, e virando-se para lá, batia com ele nas paredes ou na porta do quarto.

A Fada olhava para ele e ria.

— De que está rindo? — perguntou Pinóquio, preocupado com aquele seu nariz que crescia a olhos vistos.

— Da mentira que você contou.

— Como sabe que eu contei uma mentira?

— As mentiras, meu menino, se reconhecem logo, porque são de duas espécies: as que têm as pernas curtas, e as que têm o nariz comprido. A sua é justamente daquelas que têm o nariz comprido.

Pinóquio, não sabendo mais onde se esconder de vergonha, tentou fugir do quarto. Mas não conseguiu. Seu nariz havia crescido tanto, que não passava mais pela porta.

O que aconteceu com as moedas

A Fada deixou que o boneco chorasse e gritasse ao longo de uma boa meia hora. E o fez para dar-lhe uma lição severa e para que se emendasse do feio vício de mentir, o vício mais feio que um menino pode ter. Mas quando o viu desfigurado e com os olhos fora das órbitas de tanto desespero, penalizada, bateu palmas. E a esse sinal, mais de mil Pica-Paus entraram pela janela e, pousando todos no nariz de Pinóquio, começaram a bicá-lo com tal rapidez, que em poucos minutos aquele nariz enorme se viu reduzido ao tamanho natural.

— Como a senhora é boa, minha Fada! — disse a marionete enxugando os olhos.

— Seu pai já foi avisado — respondeu a Fada —, e antes que a noite chegue estará aqui.

— Verdade? — gritou Pinóquio pulando de alegria. — Então, Fadinha querida, quero ir ao encontro dele!

— Pode ir. Mas cuidado para não se perder.

Pinóquio se foi. Logo viu aparecer na estrada adivinhem quem?... A Raposa e o Gato.

— Querido Pinóquio! — gritou a Raposa, abraçando-o. — Como é que você está aqui?

— É uma história comprida — disse a marionete. — Na outra noite, quando me deixaram sozinho na taverna, encontrei os assassinos no caminho... Mas eu comecei a fugir até que me alcançaram e me enforcaram num galho daquele carvalho...

— Nunca ouvi nada pior! — disse a Raposa. — Em que mundo nós estamos? Onde encontrarão refúgio seguro as pessoas de bem como nós? E agora, o que é que você está fazendo por aqui? — perguntou a Raposa à marionete.

— Espero meu pai, que deve chegar a qualquer momento.

— E as suas moedas de ouro?

— Estão sempre no meu bolso, menos uma que gastei na taverna.

— E pensar que, em vez de quatro moedas, poderiam ser duas mil! Por que você não dá ouvidos ao meu conselho? Por que não vai semeá-las no Campo dos Milagres?

— Hoje é impossível. Vou outro dia.

— Outro dia será tarde, porque aquele campo foi comprado por um homem rico e, a partir de amanhã, não vai mais ser permitido a ninguém plantar ali o seu dinheiro.

— Qual é a distância daqui até o Campo dos Milagres?

— Só dois quilômetros. Quer vir com a gente? Daqui a meia hora você está lá, semeia logo as quatro moedas, depois colhe duas mil, e de noite volta com os bolsos cheios.

Pinóquio hesitou um pouco, porque se lembrou da boa Fada, do velho Gepeto e dos conselhos do Grilo-Falante. Mas acabou fazendo como fazem todos os meninos que não têm coração nem juízo, ou seja, acabou sacudindo a cabeça e dizendo à Raposa e ao Gato:

— Vamos logo. Vou com vocês.

E foram.

Depois de caminhar durante metade do dia, atravessaram uma cidade que

se chamava Enrola-Trouxas e pararam num campo solitário parecido com todos os outros campos.

Pinóquio cavou, depositou na cova as quatro moedas de ouro e cobriu-as com um pouco de terra.

— Agora podemos ir embora — disse a Raposa. — Você vai voltar daqui a uns vinte minutinhos e encontrar a arvorezinha já crescida, com os galhos todos carregados de moedas.

A pobre marionete, que não cabia em si de alegria, agradeceu mil vezes à Raposa e ao Gato e lhes prometeu um magnífico presente.

— Nós não queremos presentes — responderam os dois malandros. — Para nós, basta ter-lhe ensinado a maneira de enriquecer sem fazer força.

Dito isso, despediram-se de Pinóquio e, desejando-lhe uma boa colheita, seguiram seu caminho.

Voltando à cidade, Pinóquio começou a contar os minutos um a um. Quando achou que estava na hora, tomou novamente o rumo que levava ao Campo dos Milagres. Enquanto andava apressado, sentia o coração bater com força.

Aproximou-se do campo e parou para ver se vislumbrava alguma árvore com os galhos carregados de moedas. Mas não viu nada. Foi direto para a pequena cova onde havia enterrado suas moedas, e nada... Então começou a se preocupar.

Nisso, ouviu uma gargalhada. E olhando para cima viu numa árvore um grande Papagaio.

— De que é que você está rindo? — perguntou Pinóquio com voz irritada.

— Estou rindo daqueles basbaques que acreditam em qualquer bobagem e se deixam enganar pelos mais espertos.

— Por acaso você está falando de mim?

— Estou sim, estou falando de você, pobre Pinóquio, que é ingênuo a ponto de acreditar que dinheiro pode ser semeado e colhido nos campos, como se semeiam feijão e abóbora.

Para juntar honestamente algum dinheiro é preciso saber ganhá-lo com o trabalho das próprias mãos ou com a inteligência da própria cabeça.

— Não estou entendendo — disse a marionete, que já começava a tremer.

— Vou lhe explicar melhor — respondeu o Papagaio. — A Raposa e o Gato

tiraram as moedas de baixo da terra, e fugiram rápidos como o vento.

Então, tomado de desespero, Pinóquio voltou correndo para a cidade e foi direto ao tribunal para denunciar os dois malandros.

O juiz era um velho macacão respeitável por sua idade avançada, por sua barba branca e sobretudo por seus óculos de ouro, sem lentes. Ele o ouviu com grande benevolência, participou vivamente do relato, se enterneceu, se comoveu. Quando a marionete não teve mais nada a dizer, estendeu a mão e tocou a campainha.

Imediatamente apareceram dois cães mastins. Apontando a marionete, o juiz disse para eles:

— Esse pobre-diabo teve roubadas quatro moedas de ouro. Ponham-no imediatamente na cadeia.

Pinóquio ficou petrificado. Os cães, para evitar inúteis perdas de tempo, taparam-lhe a boca e o levaram para o xilindró.

E ali teve que permanecer durante quatro longuíssimos meses. Teria ficado mais ainda, não houvesse acontecido um fato muito feliz.

O jovem Imperador que reinava na cidade de Enrola-Trouxas, tendo obtido uma grande vitória sobre os seus inimigos, ordenou que se realizassem grandes festas públicas, com fogos de artifício, corridas de cavalos e de velocípedes, e em sinal de extrema alegria quis que fossem abertas as cadeias e libertados todos os gatunos.

— Eu também quero sair — disse Pinóquio ao carcereiro.

— Você não — respondeu o carcereiro —, porque não é dessa turma...

— Mas — replicou Pinóquio — eu também sou um gatuno.

O carcereiro, então, tirando o boné respeitosamente, abriu-lhe as portas da cadeia e deixou-o fugir.

Pinóquio vai para uma ilha

Pinóquio saiu logo da cidade e retomou a estrada que deveria levá-lo à Casinha da Fada.

Correndo, logo viu-se no gramado onde antes se erguia a Casa branca. Mas, em vez dela, encontrou uma pequena pedra de mármore onde se liam estas dolorosas palavras:

*Aqui jaz
a menina dos cabelos azuis
morta de dor
por ter sido abandonada
pelo seu irmãozinho Pinóquio*

A marionete, após conseguir a muito custo ler aquelas palavras, atirou-se de cara no chão e caiu em prantos. Na manhã seguinte, ao alvorecer, ainda estava chorando.

Nisso, passou no ar um Pombo bem grande que lhe gritou:

— Menino, você não conhece por acaso uma marionete de nome Pinóquio?

— Pinóquio sou eu! — disse a marionete pondo-se de pé em um pulo.

O Pombo veio pousar no chão. Era maior que um peru.

— Então você também conhece Gepeto? — perguntou para a marionete.

— Ora se conheço! É o meu pobre pai! Você vai me levar até ele? Mas ainda está vivo?

— Eu o deixei há três dias na beira do mar.

— O que estava fazendo?

— Fabricava um barquinho para atravessar o Oceano. Há mais de quatro meses aquele pobre homem anda pelo mundo à sua procura.

— A que distância fica a praia? — perguntou Pinóquio ansioso.

— A mais de mil quilômetros.

— Mil quilômetros? Ah, meu querido Pombo, que bom seria se eu tivesse as suas asas.

— Se quiser, eu o levo nas costas. Você é muito pesado?

— Pesado? Que nada! Sou leve como uma folha.

Sem dizer mais nada, Pinóquio saltou nas costas do Pombo. Quando chegaram à praia, o Pombo depositou Pinóquio no chão e, não querendo enfrentar o desconforto dos agradecimentos pela boa ação cumprida, bateu as asas e

desapareceu.

A praia estava cheia de gente que gritava e gesticulava olhando o mar.

— O que aconteceu? — perguntou Pinóquio a uma velhinha.

— Aconteceu que um pobre pai, tendo perdido o filho, quis entrar num barquinho para ir procurá-lo. E o mar hoje está furioso e o barquinho está quase afundando.

— Cadê o barquinho?

— Olhe lá, na direção do meu dedo — disse a velha apontando para um barco pequeno que, visto daquela distância, parecia uma casca de noz com um homenzinho minúsculo dentro.

Pinóquio voltou os olhos naquela direção, e deu um berro agudo:

— É o meu pai!

O barquinho, golpeado pelas ondas enfurecidas, ora desaparecia entre os vagalhões, ora voltava a flutuar. Pinóquio, de pé no topo de um alto recife, não parava de chamar o pai pelo nome e de lhe fazer sinais com as mãos, com o lenço e até com o chapéu.

E pareceu que Gepeto, embora estivesse muito longe da praia, reconheceu o filho, porque ele também tirou o chapéu e, gesticulando, deu a entender que gostaria de voltar, mas o mar estava tão bravo que o impedia de aproximar-se.

De repente, surgiu uma onda enorme, e o barco desapareceu. Os pescadores ouviram um berro desesperado, e voltando-se para trás viram um menino que do alto de um recife se atirava ao mar gritando:

— Quero salvar meu pai!

Sendo todo de madeira, Pinóquio boiava com facilidade e nadava como um peixe.

Pinóquio nadou a noite toda. Ao amanhecer, conseguiu ver uma ilha. Por sorte, uma onda impetuosa o atirou sobre a areia. Então a marionete viu passar a pouca distância da praia um grande peixe que nadava tranqüilamente com a cabeça fora da água.

A marionete gritou-lhe em voz alta:

— O senhor, que passeia o dia inteiro e a noite toda no mar, não teria encontrado por acaso um barquinho com o meu pai dentro?

— E quem é o seu pai?

— É o pai mais bonzinho do mundo.

— Pois a esta hora terá sido engolido pelo tubarão que veio trazer a desolação às nossas águas.

— E é muito grande esse tubarão? — perguntou Pinóquio, que já começava a tremer de medo.

— Se é!... — replicou o golfinho. — Para você ter uma idéia, é maior que um prédio de cinco andares, e tem uma bocarra tão larga e tão funda que por ela passaria tranqüilamente um trem inteiro com locomotiva e tudo.

— Nossa! — gritou assustado Pinóquio. Depois disse: — Até logo, senhor peixe. Muito obrigado.

Dito isso, seguiu por um caminho com passos rápidos. Depois de meia hora, chegou a uma cidade. As ruas estavam cheias de pessoas que corriam de um lado a outro cuidando dos seus afazeres. Todos trabalhavam.

— Já vi tudo — disse aquele preguiçoso do Pinóquio —, este lugar não é para mim! Eu não nasci para trabalhar!

Enquanto isso, a fome o atormentava. Só lhe restava pedir trabalho, ou esmolar uma moeda ou um pedaço de pão. Um pedreiro que carregava no ombro um cesto cheio de argamassa passou pela rua.

— Bom homem, daria por caridade uma moedinha a um pobre menino que boceja de apetite? — pediu Pinóquio.

— Com prazer. Venha comigo levar a argamassa, e em vez de uma moedinha lhe dou cinco.

— Mas a argamassa é pesada — replicou Pinóquio —, e eu não quero fazer força.

— Então divirta-se bocejando. E bom proveito.

Em menos de meia hora passaram outras vinte pessoas.

E a todas Pinóquio pediu uma esmola, mas todas lhe responderam:

— Não tem vergonha? Em vez de vadiar, vá procurar trabalho e aprender a ganhar o pão!

Afinal passou uma mulherzinha amável, que levava dois cântaros de água.

— Posso beber um gole de água do seu cântaro? — disse Pinóquio, que

ardia de sede.

— À vontade, menino! — disse a mulherzinha.

Depois de beber que nem uma esponja, Pinóquio resmungou:

— Já matei a sede! Antes pudesse matar a fome!...

A mulherzinha, ouvindo essas palavras, acrescentou logo:

— Se você me ajudar a levar para casa um desses cântaros de água, dou-lhe um belo pedaço de pão.

Pinóquio olhou o cântaro e não respondeu nem que sim nem que não.

— E depois lhe dou uma bala recheada de licor.

Seduzido por essa guloseima, Pinóquio não conseguiu mais resistir e, animando-se, disse:

— Vou levar o seu cântaro!

Pinóquio não comeu; devorou. Acalmada a fome, levantou a cabeça para agradecer à sua benfeitora. Mas assim que olhou para ela ficou com os olhos esbugalhados.

— Que surpresa é essa! — disse rindo a bondosa mulher.

— É que — respondeu Pinóquio gaguejando — é que a senhora parece... é sim, a mesma voz... os olhos... os cabelos... a senhora também tem cabelos azuis... como ela!... Oh, minha Fada!... Diga-me que é a senhora mesma!... Se a senhora soubesse!... Chorei tanto, sofri tanto!...

— Está lembrado? Você me deixou menina e agora me reencontra mulher.

— Gostei muito, porque assim, em vez de irmã, vou chamá-la de mãe. Faz tanto tempo que sonho em ter uma mãe como todos os outros meninos!... Está na hora de eu também virar homem...

— E vai virar, se souber merecer...

— Verdade? E o que posso fazer para merecer?

— Uma coisa fácilíssima: acostumar-se a ser um menino bem-comportado.

— Quer dizer que não sou?

— Nem de longe! Os meninos bem-comportados são obedientes, enquanto você...

— De hoje em diante quero mudar de vida. Quero me tornar um menino bem-comportado e ser o consolo da vida do meu pai... Onde estará ele a esta hora?

— Não sei.

— Será que terei um dia a sorte de revê-lo e abraçá-lo?

— Acho que sim. Aliás, tenho certeza. Eu serei a sua mãe... Você vai me obedecer e fazer sempre o que eu disser — disse a Fada.

— Com prazer, com prazer!

— A partir de amanhã — acrescentou ela —, você vai para a escola.

Pinóquio na escola

No dia seguinte Pinóquio foi à escola municipal.

Imaginem aqueles meninos levados, ao ver entrar na sua escola uma marionete! Foi uma gargalhada que não acabava mais. Um lhe tirava o chapéu da mão, outro lhe puxava o casaquinho por trás, outro até se arriscava a amarrar-lhe fios nos pés e nas mãos para fazê-lo dançar.

Pinóquio virou-se para aqueles que mais debochavam dele, e disse-lhes de cara fechada:

— Não vim pra cá para ser o palhaço de vocês. Eu respeito os outros, e quero ser respeitado.

— Beleza! Falou muito bem! — urraram aqueles moleques, rolando de rir. E um deles estendeu a mão querendo pegar a marionete pela ponta do nariz.

Mas não teve tempo, porque Pinóquio estendeu a perna debaixo da mesa e soltou-lhe um chute nas canelas.

— Ui! Que pés duros! — gritou o menino esfregando a marca roxa feita pela marionete.

— E que cotovelos!... Ainda mais duros que os pés! — disse um outro que graças a suas brincadeiras grosseiras tinha ganho uma cotovelada no estômago.

O fato é que, a partir daquele pontapé e daquela cotovelada, Pinóquio conquistou o respeito e a simpatia de todos os meninos da escola, e todos gostavam muitíssimo dele.

E o professor também estava contente, porque o via atento, estudioso, inteligente, sempre o primeiro a entrar na escola e o último a levantar-se quando as

aulas terminavam.

Nas provas antes das férias, Pinóquio teve a honra de ser o melhor da escola, e seu comportamento foi considerado tão louvável que a Fada, contente, disse-lhe:

— Amanhã, finalmente, o seu desejo será satisfeito: você deixará de ser uma marionete e se tornará um bom menino.

Quem não viu a felicidade de Pinóquio ao ouvir essa notícia nunca poderá imaginá-la.

Todos os seus amigos e colegas da escola seriam convidados para um café-da-manhã no dia seguinte, na casa da Fada, a fim de festejarem juntos o grande acontecimento. E a Fada havia mandado preparar duzentas xícaras de café com leite e quatrocentos pãezinhos com manteiga. Aquele dia prometia ser muito lindo e alegre, mas...

O País dos Brinquedos

A Fada disse a Pinóquio:

— Pode convidar seus colegas para o café-da-manhã de amanhã. Mas lembre-se de estar em casa antes que escureça. Entendeu?

— Prometo estar de volta daqui a uma hora — respondeu a marionete.

Cantando e dançando, Pinóquio saiu porta afora. Em pouco mais de uma hora, todos os seus amigos foram convidados. Alguns aceitaram imediatamente, outros se fizeram um pouco de rogados, mas, quando souberam que os pãezinhos levariam manteiga dos dois lados, acabaram todos por dizer: "Nós também vamos, para lhe agradar".

Entre os amigos e colegas de escola, Pinóquio tinha um preferido, que todos chamavam de Pávio, devido ao corpo magro, enxuto e alto, tal qual o pavio novo de uma vela.

Pávio era o garoto mais preguiçoso e levado de toda a escola, mas Pinóquio gostava muito dele. Assim, foi logo procurá-lo em casa, a fim de convidá-lo, e só o encontrou escondido debaixo do alpendre de uma casa.

— Você já sabe do grande acontecimento? — perguntou Pinóquio.

— Que acontecimento?

— Amanhã deixo de ser marionete e me torno um menino como você e como todos os outros. Quero ver você na minha casa para o café-da-manhã.

— Mas vou viajar hoje à meia-noite...

— E aonde você vai?

— Vou morar no país mais bonito deste mundo!... É o País dos Brinquedos. Por que você não vem também?

— Eu? Não mesmo!

— acredite em mim, Pinóquio, se você não vier, vai se arrepender. Onde acha que vai encontrar um país mais sadio para nós, meninos? Lá não existem escolas, nem professores, nem livros. Naquele país abençoado nunca se estuda. As férias começam no dia primeiro de janeiro e acabam no último dia de dezembro. Assim deveriam ser todos os países civilizados!...

— Mas o que se faz o dia inteiro no País dos Brinquedos?

— São diversões e brincadeiras de manhã à noite. Depois, à noite, vai-se para a cama.

E na manhã seguinte recomeça-se tudo de novo. Que tal?

— Uhm!... — fez Pinóquio.

— Então, quer ir comigo? Quer ou não quer? Decida.

— Não, não, não. Agora já prometi à minha Fada que vou me tornar um menino bem-comportado, e quero manter a promessa.

— Espere mais dois minutos.

— Vai ficar tarde.

— Só dois minutos.

— E como é que você faz? Vai sozinho ou com alguém?

— Vamos ser mais de cem meninos. Daqui a pouco vai passar por aqui a carroça que vem me pegar e me levar até aquele país maravilhoso.

— Você tem mesmo certeza — perguntou Pinóquio — de que nesse país não existe escola nenhuma?...

— Nem sombra.

— Que beleza de país... — disse Pinóquio com água na boca. — Mas não

adianta ficar me tentando! Já prometi à minha Fada querida que vou me tornar um menino ajuizado.

— Então adeus, e lembranças à escola.

— Adeus, Pávio. Boa viagem. Divirta-se e lembre-se de vez em quando dos amigos.

Dizendo isso, a marionete deu dois passos como se estivesse indo embora, mas logo, parando e voltando-se para o amigo, perguntou:

— Mas você tem mesmo certeza de que nesse país as férias começam no primeiro de janeiro e acabam no último dia de dezembro?

— Tenho!

— Se faltasse só uma hora para a partida, eu era capaz de esperar.

— E a Fada?

— Agora já me atrasei!... E voltar para casa uma hora antes ou uma hora depois dá na mesma.

À meia-noite, viram mover-se ao longe uma luzinha... e ouviram um som de guizos e um tênue toque de trombeta.

— É a carroça que vem me buscar — gritou Pávio. — Então, quer vir, sim ou não?

— Mas é verdade mesmo — perguntou a marionete — que nesse país os meninos nunca são obrigados a estudar?

— Nunca! Nunquinha!

— Que beleza de país!...

A carroça já estava cheia de garotos entre os oito e os doze anos, amontoados uns por cima dos outros como sardinhas em lata. Iam apertados, quase não conseguiam respirar, mas ninguém se queixava. O consolo de saber que chegariam a um país onde não havia nem livros, nem escolas, nem professores os punha tão contentes e resignados que não percebiam nem o desconforto, nem o cansaço, nem a fome, nem a sede, nem o sono.

Assim que a carroça parou, Pávio, de um salto, montou a cavalo no varal.

— E você?... — disse o cocheiro cheio de delicadeza para Pinóquio. — Vem com a gente ou fica?...

— Pinóquio! — disse Pávio.— Acredite em mim, venha com a gente e vamos

nos divertir.

— Venha com a gente e vamos nos divertir — gritaram todas juntas uma centena de vozes, de dentro da carroça.

— E se eu for com vocês, o que é que a minha boa Fada vai dizer? — disse a marionete.

— Não encha a cabeça com essa melancolia toda. Pense que vamos para um país onde podemos brincar e gritar da manhã à noite!

Pinóquio não respondeu, mas deu um suspiro. Depois de três suspiros, finalmente disse:

— Arrumem um lugarzinho para mim. Eu também quero ir!...

No dia seguinte, ao alvorecer, chegaram alegremente ao País dos Brinquedos.

Esse país não se assemelhava a nenhum outro país do mundo. A população era toda composta de crianças. Os mais velhos tinham catorze anos, os mais jovens, só oito. Nas ruas, uma alegria, uma barulheira, uma falação de enlouquecer!

Bandos de garotos por toda parte. Uns jogavam bolinha de gude, outros jogavam tampinhas, havia os que jogavam bola, e os que andavam de velocípede ou montavam cavalinhos de madeira. Uns brincavam de cabra-cega, outros brincavam de pique, uns vestidos de palhaços comiam estopa acesa, outros recitavam, e havia os que cantavam, os que davam saltos mortais, os que se divertiam andando com as mãos no chão e as pernas no ar, os que empurravam um aro, os que passeavam vestidos de general com elmo de papel e espada de papelão; havia quem ria, quem gritava, quem chamava, quem batia palmas, quem assoviava, quem imitava galinha botando ovo, enfim, tamanho pandemônio, tamanha gritaria, tamanha barulheira endiabrada, que teria sido preciso botar algodão nos ouvidos para não ensurdecer. Em todas as praças viam-se teatrinhos de lona, da manhã à noite cheios de meninos, e sobre todas as paredes das casas liam-se, escritas com carvão, coisas belíssimas como: “Vamo brincá” (em vez de “Vamos brincar”).

— Que vida maravilhosa! — dizia Pinóquio cada vez que se encontrava com Pávio.

— Está vendo como eu tinha razão? — respondia este. — E pensar que você não queria vir, que ia perder tempo estudando!...É verdade, Pávio! Se hoje sou

um menino realmente feliz, devo a você.

Cinco meses haviam transcorrido nessa bela farra, quando uma manhã, ao acordar, Pinóquio teve uma péssima surpresa.

As orelhas novas de Pinóquio

Ao acordar, Pinóquio coçou a cabeça e percebeu, com espanto, que suas orelhas haviam crescido mais de um palmo.

Então começou a se lamentar:

— Ah! Se eu não fosse tão desalmado não teria abandonado nunca aquela boa Fada, que gostava de mim como uma mãe e que tinha feito tanto por mim!... E a esta hora eu não seria mais uma marionete... Teria me tornado um menino direito, como tantos!

E fez o gesto de querer sair. Mas, chegando diante da porta, lembrou que tinha orelhas de burro e, com vergonha de mostrá-las em público, pegou um grande gorro de algodão e puxou-o até debaixo da ponta do nariz.

Em seguida saiu e foi procurar Pávio em casa. Imaginem como ficou Pinóquio quando, entrando no quarto, viu seu amigo com um gorro de algodão na cabeça que lhe descia até abaixo do nariz. Fingindo não ter percebido nada, Pinóquio perguntou sorrindo:

— Pávio, alguma vez você teve doença de orelhas?

— Nunca! E você?

— Nunca! Porém, desde hoje de manhã estou com uma dor numa orelha...

— Eu também estou com essa dor.

— Você também?... E qual é a orelha que dói?

— As duas. E você?

— As duas. Será que é a mesma doença?

— Receio que sim.

— Muito bem — disse a marionete —, então vamos tirar o gorro os dois ao mesmo tempo. Você aceita?

— Aceito.

Pinóquio começou a contar:

— Um! Dois! Três!

Em “Três”! os dois tiraram seus gorros da cabeça e os atiraram no ar. Pinóquio e Pávio, ao se verem ambos vítimas da mesma desgraça, em vez de ficarem humilhados, apontaram para suas orelhas desmesuradas e deram uma bela gargalhada. Porém, no auge da risada, Pávio parou de repente e, cambaleando e mudando de cor, disse para o amigo:

— Socorro, socorro, Pinóquio! Não consigo mais me agüentar nas pernas.

— Eu também não — gritou Pinóquio cambaleando.

Enquanto diziam isso, dobraram-se os dois até ficarem de quatro, e andando com as mãos e com os pés começaram a girar e a correr pelo quarto. Seus braços se tornaram patas, seus rostos se alongaram e se tornaram focinhos, e suas costas se cobriram de um pelame cinza-claro salpicado de preto.

O momento pior e mais humilhante foi quando sentiram que atrás lhes despontava o rabo. Então, em vez de gemidos e lamentações, emitiam zurros asininos, repetindo sonoramente em coro: ih-o, ih-o, ih-o, quando ouviram:

— Abram! Sou o Homenzinho, sou o cocheiro da carroça que trouxe vocês a este país.

Abram imediatamente, senão ai de vocês.

O Circo

O Homenzinho disse para Pinóquio e Pávio, com sua costumeira risadinha:

— Muito bem, garotos! Vocês zurraram muito bem!

A princípio, ele os alisou, acariciou, apalpou. Depois, sacando uma escova de ferro para cavalos, começou a escová-los cuidadosamente. E quando os viu lustrosos como dois espelhos, botou-lhes cabresto e os levou até a praça do mercado, para vendê-los.

Pávio foi comprado por um camponês, e Pinóquio foi vendido para o diretor de uma companhia de palhaços, que logo lhe gritou:

— Por acaso está achando, meu lindo burrinho, que só o comprei para lhe dar de beber e de comer? Eu o comprei para você trabalhar e me fazer ganhar muito. Você vai comigo ao Circo e lá vou ensiná-lo a pular por dentro dos aros e a dançar a valsa levantado nas patas de trás.

O pobre Pinóquio teve que aprender todas essas coisas lindíssimas. Mas foram necessários três meses de aulas e muitas chicotadas de tirar o pêlo.

Chegou afinal o grande dia. Os cartazes nas esquinas das ruas diziam assim:

Grande espetáculo de gala
Esta noite
será apresentado pela
primeira vez
o famoso
BURRINHO PINÓQUIO
conhecido como
A ESTRELA DA DANÇA

Aquela noite, as arquibancadas do Circo fervilhavam de meninos, meninas e jovens de todas as idades. Acabada a primeira parte do espetáculo, o diretor da companhia, com muita solenidade, anunciou o burrinho Pinóquio. Quando ele surgiu na arena, estava com rédeas novas de couro lustroso, uma grande faixa de ouro e prata ao redor da barriga, e a cauda trançada com fitas carmesim e azul-celeste. Era um burrinho adorável!

O diretor, voltando-se para Pinóquio, disse:

— Cumprimente o respeitável público!

Pinóquio, obediente, dobrou até o chão os dois joelhos da frente, e o diretor, estalando o chicote, gritou:

— A passo!

Então o burrinho se levantou nas quatro patas e começou a girar ao redor da arena, sempre a passo. Dali a pouco o diretor gritou:

— A trote! — e Pinóquio, obediente ao comando, mudou o passo para trote.

— De carreira! — e Pinóquio começou a correr a toda velocidade. Mas, enquanto ele corria como um cavalo sem jóquei, o diretor, erguendo o braço no ar, deu um tiro de pistola.

Ao ecoar do tiro, Pinóquio, fingindo-se ferido, caiu deitado na arena.

Levantando-se do chão no meio de uma explosão de aplausos, de gritos e de palmas delirantes, levantou a cabeça e viu num camarote uma linda dama que trazia ao pescoço um pesado colar de ouro com um medalhão. No medalhão estava pintado o retrato de uma marionete.

— Aquele retrato é meu!... Aquela dama é a Fada! — disse para si mesmo Pinóquio, reconhecendo-a. E deixando-se dominar pela alegria tentou gritar: — Fada querida!

Mas em vez dessas palavras saiu-lhe da garganta um zurro tão sonoro que todos os espectadores riram, e mais ainda riram todas as crianças.

Então o diretor, para ensiná-lo e fazê-lo entender que não é de boa educação começar a zurrar na cara do público, deu-lhe uma vergastada no nariz com o cabo do chicote.

O pobre burrinho passou pelo menos cinco minutos lambendo o nariz. Mas qual não foi seu desespero quando, olhando para cima uma segunda vez, viu que o camarote estava vazio e a Fada havia desaparecido.

Seus olhos encheram-se de lágrimas. Porém ninguém percebeu, e muito menos o diretor, o qual estalando o chicote gritou:

— Vamos, Pinóquio! Agora mostrará a esses senhores com quanta elegância sabe saltar os aros.

Pinóquio tentou duas ou três vezes. Mas cada vez que chegava diante do aro, em vez de atravessá-lo, passava por baixo. Afinal deu um salto, mas as patas traseiras ficaram presas no aro, e ele caiu que nem um saco do outro lado.

Quando se levantou, estava manco e a muito custo conseguiu voltar para a estrebaria.

— Cadê Pinóquio?! Queremos o burrinho! — gritavam as crianças na platéia. Mas aquela noite o burrinho não voltou a aparecer.

Na manhã seguinte, o veterinário declarou que ele ficaria manco para o resto da vida.

Então o diretor disse ao moço da estrebaria:

— De que me serve um burro manco? Só se for pra comer de graça. Leve-o para a praça e venda-o.

Logo encontraram um comprador que perguntou:

— Quanto você quer por esse burrinho manco?

— Vinte liras.

— Eu tenho vinte centavos. Compro só pela pele. Estou vendo que tem uma pele bem dura, e com ela quero fazer um tambor para a banda da minha cidade.

Deixo vocês imaginarem com quanta alegria o pobre Pinóquio ouviu que estava destinado a se tornar um tambor!

O comprador, tendo pago os vinte centavos, levou o burrinho para a beira do mar e, depois de atar-lhe uma pedra ao pescoço e de amarrar-lhe na pata uma corda que trazia na mão, deu-lhe um empurrão e o atirou na água.

Pinóquio afundou logo, e o comprador, mantendo a corda apertada entre as mãos, sentou-se num recife esperando que o burrinho tivesse tempo de morrer, para depois tirar-lhe a pele.

O Tubarão

Depois de cinquenta minutos, o comprador disse, falando sozinho:

— A esta hora, o meu pobre burrinho manco deve estar bem afogado. Vamos puxá-lo para cima, e fazer um lindo tambor com a sua pele.

E começou a puxar a corda com que lhe havia amarrado a perna. E puxa que puxa, viu aparecer na superfície uma marionete viva, que se debatia como uma enguia.

Surpreso, o pobre homem disse:

— E o burrinho que atirei ao mar?

— Aquele burrinho sou eu! — respondeu a marionete rindo.

— Mas como você virou uma marionete de madeira?..

— Quer saber a história verdadeira? Solte-me a perna, e eu conto.

O comprador, curioso, soltou logo o nó da corda. Pinóquio lhe contou toda a

sua história, terminando assim:

— ... Então o senhor me comprou para fazer um tambor com a minha pele! Um tambor!... Porém, caro patrão, o senhor fez as contas sem considerar a Fada...

— E quem é essa Fada?

— É minha mãe, que se parece com todas as boas mães que amam seus filhos, e nunca os perdem de vista, e cuidam deles amorosamente em qualquer desgraça, mesmo quando esses filhos, por sua falta de juízo e seu mau comportamento, mereceriam ser abandonados e entregues a si mesmos. A boa Fada mandou imediatamente um cardume infinito de peixes, e eles, acreditando que eu era um burrinho morto, começaram a me comer! E que dentadas me davam! Nunca pensei que os peixes fossem mais gulosos que as crianças!... Uns me comeram as orelhas, outros me comeram o focinho, teve quem me comeu o pescoço e a crina, quem atacou o pelame das costas...

— De hoje em diante — disse o comprador horrorizado —, juro que nunca mais vou provar carne de peixe. Eu não suportaria abrir uma pescadinha frita e dar de cara com um rabo de burro!

— Eu penso que nem o senhor — respondeu a marionete rindo. — Aliás, é bom saber que, quando os peixes acabaram de comer toda a casca asinina que me cobria da cabeça aos pés, chegaram à madeira, e foram embora cada um para um lado, sem nem virar para trás e me agradecer.

— O que eu sei é que gastei vinte centavos para comprar você e quero o meu dinheiro de volta — gritou o comprador enfurecido. — Vou levá-lo de volta para o mercado e vender a peso como lenha seca para acender a lareira.

— Pode me vender, tudo bem — disse Pinóquio. Mas ao dizer isso deu um salto e pulou na água. E afastando-se da praia gritava alegremente para o pobre comprador:

— Adeus, patrão. Se precisar de uma pele para fazer um tambor, lembre-se de mim.

Enquanto Pinóquio nadava, saiu da água e veio ao seu encontro a horrível cabeça de um monstro marinho, com a boca escancarada como um sorvedouro e três fileiras de presas era, nem mais nem menos, o mesmo gigantesco Tubarão de quem já se falou nesta história.

O pobre Pinóquio tentou evitá-lo, mudar de rumo, mas a imensa boca escancarada engoliu a pobre marionete. Pinóquio, dentro do corpo do Tubarão, não conseguia se orientar. Por todos os lados havia uma enorme escuridão, mas teve a impressão de ver lá longe uma espécie de claridade.

Pinóquio caminhou no meio da escuridão, na direção dela. Afinal, depois de muito andar, chegou. E ao chegar... encontrou uma pequena mesa posta, tendo em cima uma vela acesa numa garrafa verde, e sentado à mesa um velhinho que estava ali mastigando uns peixinhos.

Vendo isso, o pobre Pinóquio deu um grito de felicidade:

— Meu paizinho! Até que enfim o encontrei! Agora não vou deixá-lo nunca, nunca mais!

— É mesmo o meu querido Pinóquio? — O velhinho esfregou os olhos.

— Sou eu, eu mesmo! E o senhor já me perdoou, não é? Meu paizinho, como o senhor é bom!... Mas se o senhor soubesse quantas coisas deram errado para mim! Há quanto tempo o senhor está trancado aqui dentro? — perguntou enfim Pinóquio.

— Dois anos, Pinóquio, dois anos que me pareceram dois séculos. Aquela mesma tempestade que virou meu barquinho fez afundar também um navio mercante. Todos os marinheiros se salvaram, mas o nosso Tubarão, que naquele dia estava com um apetite excelente, depois de ter-me engolido, engoliu também o navio de uma só bocada...

Cuspiu só o mastro principal, porque tinha ficado entre os dentes dele que nem uma espinha. Para sorte minha, aquele navio estava carregado de carne em lata, de biscoitos, de garrafas de vinho, de passas, de queijo, de café, de açúcar, de velas e de caixas de fósforos. Com essa fartura toda pude viver dois anos. Mas hoje estou chegando ao fim das provisões, e esta vela que você vê acesa é a última que sobrou...

— Então, paizinho — disse Pinóquio —, não há tempo a perder. Temos que fugir...

— Fugir?... E como?

— Fugindo pela boca do Tubarão e nadando no mar.

— Você está certo, mas eu não sei nadar.

— E daí?... O senhor monta nos meus ombros e eu, que sou um bom nadador, levo-o são e salvo até a praia.

— Ilusões, meu menino! — respondeu Gepeto. — Como lhe parece possível que uma marionete que nem você tenha força para me levar nos ombros, nadando?

— Experimente e verá. De todo modo, se está escrito no céu que temos que morrer, pelo menos teremos o grande consolo de morrer juntos, abraçados.

Sem dizer mais nada Pinóquio tomou a vela na mão e, andando à frente para iluminar o caminho, disse ao pai:

— Venha atrás de mim e não tenha medo.

E assim atravessaram todo o corpo e o estômago do Tubarão. Mas chegando ao ponto onde começava a grande goela do monstro, acharam melhor dar uma olhada a fim de escolher o momento oportuno para a fuga.

Convém saber que o Tubarão, sendo muito velho e sofrendo de asma e de palpitações cardíacas, era obrigado a dormir de boca aberta, razão pela qual Pinóquio, debruçando-se no começo da goela e olhando para cima, conseguiu ver para lá da enorme boca escancarada um belo pedaço de céu estrelado e um lindíssimo luar.

— Este é o melhor momento para fugir — murmurou então voltando-se para o pai. — O Tubarão está dormindo e o mar está tranqüilo. Venha atrás de mim, e daqui a pouco estaremos salvos.

Sempre andando na ponta dos pés, subiram pela goela do monstro. Depois atravessaram toda a língua e passaram por cima das três fileiras de dentes. Antes de dar o grande salto, a marionete disse para o pai:

— Monte nos meus ombros e me abrace com força.

Pinóquio atirou-se na água e começou a nadar, com Gepeto nos ombros. O mar estava liso como azeite, a lua resplandecia, e o Tubarão continuava dormindo com um sono tão profundo, que não teria acordado nem com um tiro de canhão.

Finalmente Pinóquio deixa de ser uma marionete

Chegando à praia, Pinóquio saltou primeiro, para ajudar seu pai.

Enquanto isso, o dia já havia clareado.

Pinóquio e Gepeto ainda não haviam dado cem passos, quando viram sentados na beira da estrada dois tipos mal-encarados que estavam ali pedindo esmola.

Eram o Gato e a Raposa. Mas não se pareciam mais com os de antigamente. O Gato, de tanto se fingir cego, havia acabado por ficar cego de verdade. E a Raposa, envelhecida, sarrenta e parálitica de um lado, não tinha mais sequer a cauda. Pois é.

Aquela pequena ladra, tendo caído na miséria, viu-se obrigada, um belo dia, a vender sua lindíssima cauda a um ambulante, que a comprou para fazer um espanta-moscas.

— Oh, Pinóquio — gritou a Raposa com voz chorosa —, faça uma caridade para estes dois pobres enfermos.

— Enfermos! — repetiu o Gato.

— Adeus, tratantes! — respondeu a marionete. — Vocês me enganaram uma vez, agora não caio mais nessa.

— acredite, Pinóquio, hoje somos realmente pobres e desgraçados!

— Desgraçados! — repetiu o Gato.

— Se estão pobres é bem-merecido. Adeus, fingidos!

E dizendo isso Pinóquio e Gepeto seguiram seu caminho. Ao fim de uma estradinha viram uma linda cabana.

— Vamos lá bater — disse Pinóquio.

— Quem é? — perguntou uma vizinha de dentro.

— Somos um pobre pai e um pobre filho, sem pão e sem abrigo — respondeu a marionete.

— Rodem a chave, que a porta abre — disse a mesma vizinha.

Pinóquio virou a chave, e a porta abriu-se.

— Estou aqui em cima!

Pai e filho olharam para o teto e viram, em cima de uma viga, o Grilo-Falante.

— Oh! Grilinho querido — disse Pinóquio educadamente.

— Agora você me chama de “Grilinho querido”, não é? Mas está lembrado

de quando me atirou um martelo?...

— Tem razão, Grilinho! Pode me atirar um martelo, mas tenha pena do meu pobre pai...

— Eu vou ter pena do pai e também do filho. Mas tive que lembrá-lo de uma grave grosseria recebida, para lhe ensinar que neste mundo, sempre que possível, temos que ser delicados com todos, se queremos que nos retribuam com igual delicadeza nos dias de necessidade.

— Você tem toda a razão, Grilinho, e eu não vou esquecer a lição. Mas onde posso encontrar um copo de leite para o meu pobre pai?

— Três campos para lá deste, vive o hortelão Janjão, que cria vacas. Vá até lá e encontrará o leite que procura.

Pinóquio foi correndo até a casa do hortelão Janjão. Mas o hortelão lhe disse:

— Um copo de leite custa um tostão.

— Não tenho nem um centavo — respondeu Pinóquio constrangido e triste.

— Quem sabe podemos fazer um arranjo — disse Janjão. — Você aceitaria rodar a nora?

— E o que é nora?

— É aquela engenhoca de madeira que serve para tirar a água da cisterna, para regar as hortaliças.

— Vou tentar...

— Então, você puxa cem baldes de água para cima, e eu lhe dou em pagamento um copo de leite.

Janjão levou a marionete para a horta e lhe mostrou como rodar a nora. Mas, antes mesmo de ter puxado os cem baldes, Pinóquio estava todo ensopado de suor, da cabeça aos pés. Nunca antes havia tido que fazer tamanho esforço.

— Até agora, quem tinha essa trabalhadeira — disse o hortelão — era o meu burro. Mas hoje o pobre bicho está no fim.

— Pode me levar para vê-lo? — perguntou Pinóquio.

— Com prazer.

Assim que Pinóquio entrou na estrebaria, viu um lindo burrinho deitado na palha, acabado pela fome e pelo excesso de trabalho. E debruçando-se até ele

perguntou-lhe em dialeto asinino:

— Quem é você?

Ouvindo essa pergunta, o burrinho abriu os olhos moribundos e respondeu gaguejando no mesmo dialeto:

— Sou o Pa...vi...o.

E em seguida fechou os olhos e morreu.

— Pobre Pávio! — disse Pinóquio. E catando um punhado de palha enxugou uma lágrima que lhe escorria pelo rosto.

A marionete pegou seu copo de leite quase quente e voltou para a cabana.

Daquele dia em diante, ao longo de mais de cinco meses, Pinóquio continuou levantando-se de madrugada, antes de o sol nascer, para ir girar a nora: e assim ganhar aquele copo de leite que tão bem fazia à saúde do seu pai. E nem se contentou com isso, porque com o tempo aprendeu também a fabricar balaios e cestas de junco, e com o dinheiro que ganhava com eles pagava todas as despesas diárias. Entre outras coisas, construiu sozinho um carrinho para levar seu pai a passeio quando o tempo estava bom. E à noite ficava acordado até tarde exercitando-se na leitura e na escrita.

O fato é que, com seu empenho em encontrar soluções, em trabalhar e progredir, não só havia conseguido sustentar quase com conforto seu pai sempre adoentado, como, ainda por cima, havia economizado quarenta tostões para comprar uma roupinha nova.

Uma manhã disse ao pai:

— Vou até o mercado aqui perto, para comprar uma jaquetinha, um chapeuzinho e um par de sapatos.

E saindo de casa começou a correr, todo contente e alegre. De repente porém, viu um lindo caracol que vinha saindo de uma sebe.

— Eu sou empregado da Fada dos cabelos azuis — disse o Caracol.

— Onde está a minha boa Fada? — gritou Pinóquio. — O que ela está fazendo? Ainda se lembra de mim? Posso ir visitá-la?

O Caracol respondeu:

— A pobre Fada está numa cama de hospital!...

— De hospital?

— Infelizmente. Atingida por mil desgraças, adoeceu gravemente e não tem mais sequer o dinheiro para comprar um pedaço de pão.

— É mesmo?... Pobrezinha da Fada!... Se eu tivesse um milhão ia correndo levar para ela. Mas eu só tenho esses quarenta tostões que aqui estão, e estava justamente indo comprar uma roupa nova. Tome, Caracol, e vá logo levá-los para a minha boa Fada.

— E a sua roupa nova?

— Que me importa a roupa nova? Eu venderia até esses trapos que visto, para poder ajudá-la! Ande, Caracol, e depressa. E daqui a dois dias, volte aqui, que espero poder lhe dar mais alguns tostões. Até agora trabalhei para sustentar meu pai, de hoje em diante trabalharei cinco horas mais, para sustentar também a minha boa mãe. Adeus, Caracol, e espero você daqui a dois dias.

Aquela noite, em vez de ficar acordado até as dez horas, Pinóquio ficou acordado até depois da meia-noite, e em vez de fazer oito balaios de junco, fez dezesseis.

Depois foi para a cama e adormeceu. E, dormindo, pareceu-lhe ver em sonho a Fada, linda e sorridente, que, depois de dar-lhe um beijo, disse assim:

— Muito bem, Pinóquio! Graças ao seu bom coração, perdô-lhe todas as travessuras que você aprontou até hoje. Os meninos que cuidam amorosamente dos pais nos seus sofrimentos e nas suas enfermidades merecem sempre muitos elogios e muito afeto, mesmo quando não podem ser citados como modelos de obediência e de bom comportamento. Crie juízo para o futuro e será feliz.

Nesse ponto o sonho acabou, e Pinóquio acordou de olhos escancarados.

Agora, imaginem a surpresa dele quando, ao acordar, percebeu que não era mais uma marionete de madeira, mas havia se tornado um menino como todos os outros. Deu uma olhada ao redor e, saltando da cama, encontrou já preparada uma linda roupa nova, um boné novo e um par de botinhas de couro que eram uma beleza.

Assim que se vestiu, pareceu-lhe natural meter as mãos nos bolsos, e encontrou um pequeno porta-níqueis de marfim, no qual estavam escritas estas palavras: "A Fada dos cabelos azuis devolve ao seu querido Pinóquio os quarenta tostões e muito lhe agradece por seu bom coração". Aberta a carteira, em vez dos

quarenta tostões brilhavam ali quarenta moedas de ouro, novinhas em folha.

Depois foi se olhar no espelho. E pareceu-lhe ser outro. Não viu mais refletida a imagem da marionete de madeira a que estava acostumado, mas a imagem esperta e inteligente de um bonito menino de cabelos castanhos e olhos azuis, com ar radiante de felicidade. Pinóquio não sabia mais se estava de fato acordado ou se continuava sonhando de olhos abertos.

— E o meu pai onde está? — gritou. E entrando no quarto ao lado, encontrou o velho Gepeto, que, sadio, animado e de bom humor como antigamente, havia retomado sua profissão de entalhador e estava justamente desenhando uma linda moldura cheia de folhagens, flores e cabecinhas de animais. — Tire-me uma curiosidade, paizinho: como se explicam todas essas mudanças repentinas? — perguntou Pinóquio.

— Essas mudanças na nossa casa são merecimento seu — disse Gepeto.

— E o velho Pinóquio de madeira onde será que se escondeu?

— Olhe para lá — respondeu Gepeto. E indicou-lhe uma grande marionete encostada numa cadeira, com a cabeça virada para um lado, os braços pendentes e as pernas de um jeito que parecia milagre que continuasse de pé.

Pinóquio virou-se para olhá-la e disse de si para si com grande complacência:

— Como eu era engraçado quando era marionete! E como estou contente agora que me tornei um bom menino!...

Sobre O Autor

Carlo Collodi nasceu em Florença, na Itália, em 1826, e morreu em 1890. Foi jornalista, crítico musical e dramaturgo.

Seu nome verdadeiro era Carlo Lorenzini; o pseudônimo é uma referência à aldeia de Collodi, onde sua mãe nasceu. Começou a escrever literatura infantil em 1876.

Pinóquio saiu pela primeira vez em livro em 1883. Desde então, é uma referência para gerações e gerações de crianças na Itália e no mundo.

Sobre a tradutora

Marina Colasanti nasceu em Asmara, Eritr ia (então Etiópia), em 1938, e morou na Itália até completar onze anos, quando veio com a família para o Brasil.   escritora, tradutora e artista plástica. Sua obra, premiada no Brasil e no exterior, inclui contos, cr nicas, poesia, ensaios e literatura infantil, em mais de 35 livros.